

REPRESENTATIVIDADE IMPORTA: O ENSINO DE FÍSICA E O PROTAGONISMO DE CIENTISTAS NEGRAS¹

Bruna Tabatha Cussô Caetano², Carlos Raphael Rocha³.

¹ Vinculado ao projeto “Reflexos do currículo escolar na participação de minorias no âmbito das ciências exatas”

²Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Física – CCT – Bolsista PIVIC/UDESC

³ Orientador, Departamento de Física – CCT – carlos.rocha@udesc.br

Escolher a ciência como carreira profissional no Brasil sempre foi para poucos indivíduos, mas, dentre aqueles que escolhem trilhar esse caminho, é possível reconhecer um perfil generalizado formado de homens brancos e de capital aquisitivo elevado. Além disso, reconhece-se que a história e a filosofia da ciência, tal como atualmente ensinadas tanto nas escolas quanto na academia, foram escritas e narradas pela e na perspectiva de homens brancos, europeus ou norte-americanos e aristocratas e é tida como aceita por toda a comunidade científica. Essa construção do conhecimento científico contribuiu com a exclusão e silenciou mulheres, a classe trabalhadora e os conhecimentos orientais, africanos e indígenas de maneira a tornar a participação destes inacessível e questionável, desmerecendo-os, depreciando-os, diminuindo-os e, por fim, afastando-os da dita “ciência de verdade”.

Como mostrou Alberto Gaspar ao narrar os 50 anos de Ensino de Física (1997), desde a Guerra Fria, a pesquisa em Ensino de Física pensa estratégias e maneiras de chamar, atrair e manter os estudantes de Ensino Médio para as ciências. Porém, como muito sabiamente aponta Bárbara Pinheiro (2019), ao não se preocupar com temas transversais como gênero, raça e classe, ocorre uma conivência, de maneira explícita ou implícita, com a exclusão de minorias por não articular formas de atrair os diversos indivíduos para as ciências e também para integrá-los no meio científico.

A falta de representatividade do meio acadêmico e científico, do protagonismo de personagens de identificação e da valorização dos saberes significativos à identidade desses é grandioso fator que auxilia a causar essa exclusão. Podemos perceber como o apagamento histórico de indivíduos negros e negras se torna preocupante quando se percebe que, mesmo com uma população negra compondo mais de 54,6% da população brasileira, apenas 10,4% das mulheres negras entre 25 a 44 anos concluem o ensino superior, segundo dados do IBGE, em 2018, e, destas, menos de 3% são doutoras professoras em programa de pós-graduação, segundo informações do Inep.

Entender esses dados e estudar os fatores e agravantes que o tornam tão baixos é também uma responsabilidade do Ensino de Ciências. As Leis 10.369/03 e 11.645/08 não isentam disciplinas como a Física dessa pauta e de sua responsabilidade de articulação para minimizar falta de diversidade no meio científico. Para tanto, como apontado pelas pesquisadoras Barbara Pinheiro e Katemari Rosa, faz-se necessária a apropriação de conhecimentos que: norteiam a democratização do ensino; entendem as influências racistas na construção da ciência; trazem o protagonismo de indivíduos negros; levam em consideração a vida, o genocídio da juventude negra e sua relação com a escolaridade; trazem empoderamento e identidade para esses estudantes; e fazem a interseccionalidade entre raça e gênero na ciência.

Pensando nisso, pretendeu-se estudar as proposições acima para refletir e compreender a ausência de homens e mulheres negras na Ciência, com ênfase na Física, e tomar medidas para atrair alunos e alunas negras do Ensino Básico para as Ciências, ou se não, pelo menos vencer o distanciamento intelectual e cultural científico subjugado a esses, aproximá-la de suas realidades, apropriá-las desses conhecimentos e mostrar que a ciência também é uma opção viável para eles e elas. Ações como minicursos, amostra de filmes, palestras, oficinas e projetos temáticos com o objetivo de produzir material didático foram e serão executadas para compor as atividades articuladas para atingir este propósito. Além desses, pretende-se continuar promovendo na universidade e nos ambientes acadêmicos que o circundam, o debate social e racial, visto que são fatores de exclusão de alunos e alunas negros e negras nos cursos de exatas e que contribuem na promoção da evasão.

Uma vez que desejamos que todas e todos os estudantes de Ensino Médio, ao ingressarem em cursos de exatas, se sintam bem-vindos e acolhidos, a universidade deve estar empenhada em combater o racismo estrutural e institucional em suas múltiplas manifestações de maneira a tornar suas chegadas agradáveis e o mais favorável possível. Parafraseando, pois, a filósofa Angela Davis: não basta apenas não ser racista, é necessário ter um ensino de ciências, uma universidade e uma comunidade científica antirracista.

Palavras-chave: Ensino de Física. Negritude. Descolonização